**ENTRE TEORIA E PRÁTICA: O RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA COMO INSTRUMENTO DE DESCONSTRUÇÃO DE UMA CULTURA DE VIOLÊNCIA NO VALE DO SÃO FRANCISCO**

Fernando Mattiolli Vieira [[1]](#footnote-1)

Grazyelle Reis[[2]](#footnote-2)

Alisson Weslley Feitosa Dos Santos[[3]](#footnote-3)

Robson Cleiton da Luz Oliveira[[4]](#footnote-4)

Programa Residência Pedagógica, curso de História[[5]](#footnote-5)

Universidade de Pernambuco, campus Petrolina

**RESUMO:** O presente artigo tem como objetivo relatar a experiência vivenciadas pelos residentes do curso de Licenciatura plena em História da Universidade de Pernambuco *campus* Petrolina. O programa financiado pela CAPES, busca a melhoria da formação dos futuros professores que irão ingressar na educação básica visando o incentivo a novas práticas do ensino de história. Uma das principais finalidades deste artigo é tentar entender, de forma inicial, como os padrões que estão enraizados nas tradições locais do interior do Nordeste brasileiro, podem fortalecer certas posturas tidas como normais e romantizadas por vários intelectuais no convívio social dos sertões. Entendem as relações de poder que hierarquizam os atores sociais em uma cultura tradicionalista como a do Nordeste, poderá ser de suma importância para visualizar problemas importantíssimos que pairam sobre a sociedade brasileira há várias décadas. Portanto, o presente debate buscará introduzir além da formação dos novos docentes, levar novas práticas de pesquisa relacionadas ao ensino de história no meio social, através das diversas atividades exercidas pelos residentes (Oficina, pesquisa, palestra etc.) no programa da CAPES.

**Palavras-chaves:** Residência, Ensino de História, Violência.

1. INTRODUÇÃO:

levando em consideração qual o real papel do professor dentro de uma sociedade complexa como a nossa, o Programa criado pela CAPES vem para dar oportunidade aos futuros professores brasileiros que precisam ser capacitados para ingressar no meio educacional de forma mais consciente e eficaz.

A experiência vivenciada pelos residentes traz uma reflexão bastante debatida no nosso meio social, qual é o verdadeiro papel do professor? Bom, está pergunta causa calafrios aos professores mais tradicionais pois bate de frente da concepção que os mesmos têm de meros receptores.

Buscar estratégias que visem a melhoria da condição dos docentes brasileiros é algo debatido há muito tempo. Condições de trabalho e aperfeiçoamento das técnicas pedagógicas de transmissão do conhecimento é algo importantíssimo para as futuras gerações. Foi pensando na capacitação dos futuros professores do país que surgiu o Programa de Residência Pedagógica (PRP), que foi instituído através da portaria n° 38, de 28 de fevereiro de 2018, dispondo no edital CAPES n° 06/2018, Programa de Residência Pedagógica.

A importância do programa para a formação dos graduandos em licenciatura proporciona uma nova perspectiva na educação brasileira, aspirando um novo panorama na melhoria da qualidade de ensino. É nítida a necessidade de bons profissionais no mercado de trabalho atual, em um cenário onde ainda está fixado um modelo de ensino tradicional. É com o pensamento renovador que surge o projeto, lembrando que isto ocorre quando ajudamos o aluno a sentir-se sujeito histórico, e como consequência, contribuindo para a formação de um cidadão crítico (BITTENCOURT, 2004, p19).

É interessante salientar que durante a nossa interação com a escola, vimos que é primordial essa convivência dos futuros docentes com a sala de aula. Outro ponto chave do programa é preparo inicial que recebemos para ingressar no instituto, tanto do nosso coordenador Dr. Fernando Mattioli quanto da nossa preceptora, já no local de ensino, Grazyelle Reis.

O projeto começou em 2018, onde um preparatório foi iniciado para a inserção dos residentes no ambiente escolar. O coordenador Dr. Fernando Mattioli Vieira intensificou inicialmente um dos eixos temáticos do programa, a utilização das fontes históricas na sala de aula. Os primeiros meses foram de preparação para todos os residentes, e logo após, todos foram movidos para o seu respectivo polo de ensino. O segundo eixo temático está voltado para às análises relacionadas a violência na região. Sendo assim, duas grandes facetas que buscam a formação profissional, de forma acadêmica, do professor.

O Campus inicial do projeto IFBA região Norte está localizado no município de Juazeiro da Bahia, na região do vale do São Francisco. O núcleo inicial em Paulo Afonso onde encontra-se o campus, foi uma Escola da antiga companhia de navegação. Este polo surge como Núcleo Avançado, e iniciou suas atividades no dia 21 de outubro de 2010. A primeira implantação foi o curso Técnico em comércio exteriores, logo em seguida, já em 2011 foi introduzido o curso de Segurança do Trabalho.

O prédio em Juazeiro da Bahia surgiu em 2013 com o projeto de expansão da fase III do IFBA, o final da construção foi em 2015 por meio da portaria Ministerial n°. 27, de 21 de janeiro de 2015. Em julho de 2015 foi autorizado o seu funcionamento definitivo, sendo assim, deu início ao complexo educacional IFBA Campus Juazeiro, às margens da rodovia BA-210, no mesmo caminho que dá sentido da cidade de Sobradinho-BA.

O IFBA possui um papel extremamente importante na educação regional, podemos encontrar no Campus uma estrutura fantástica para receber os discentes, podendo atender 1200 alunos em seu território, e está engajado principalmente nas questões sociais da região do Vale do São Francisco. A estrutura está situada entre dois residenciais importantes de Juazeiro, sendo assim, muitos dos residentes procuraram saber qual era a demanda com relação a população local, porém, parece-me que não é tão grande, pois existe muitos alunos de outros bairros da cidade e até fora da cidade. Podemos ressaltar também uma das metas principais do instituto, que é a conscientização da sociedade ‘’Juazeirense’’ e fomentar o campo de pesquisa na região. Situado em uma zona afastada da cidade, o IFBA coloca em questão um estereotipo sobre áreas violentas em torno da cidade. Desse modo pretendemos analisar aspecto sociais que formam a região, em seguida a relação desse estereotipo com os alunos da instituição.

A partir dessa análise, trabalhamos a importância do ensino da história. Sendo então composto pelos conceitos de violência que são trabalhados na disciplina. Então dessa forma vale lembrar, que a história como disciplina ainda não era escassa nos currículos até um certo tempo tendo seu destaque na metade do século XX. No aspecto teórico ao modo que o homem foi sendo influenciada pela razão, a história foi se difundindo pela Europa, sobre a influência do iluminismo, era sagrado da sabedoria do homem o aprendizado da história da humanidade. Sobre a questão da importância é de se lembrar de que sobre todos os fatos estudados, a educação ficou como obrigação do Estado, tendo isso como base via-se uma educação aos moldes nacionalista fazendo com que o estudante conseguir-se aprimorar seus laços culturais. Desta forma o presente artigo trabalha as concepções do ensino de história no programa da residência pedagógica, junto com as estruturações sobre contexto de violência como problema social e escolar.

* 1. MÉTODO:

Foram participantes deste projeto no IFBA dez residentes do curso de Licenciatura Plena em História. Inicialmente dividiram-se em dois grupos de cinco participantes que ficaram responsáveis de participar das aulas da preceptora Grazyelle Reis. Elaboramos dois eixos de pesquisa que são de extrema importância social, O Papel do Historiador e outro relacionado às práticas de violência no Vale do São Francisco.

No decorrer do programa foi elaborado alguns métodos de análises do público discente. Inicialmente, elaboramos uma pesquisa voltada à violência. A preceptora Grazyelle Reis nos forneceu uma análise inicial do público presente, sendo assim, tivemos uma noção mais clara de como elaborar táticas para a construção de estratégias voltadas para os eixos elaborados pelo professor Dr. Fernando Mattioli.

No questionário, foram levantadas algumas questões sensíveis relacionadas ao dia a dia dos alunos, assuntos pertinentes a vida privada de muitos que ali estão. No eixo temático relacionado a *Fontes Históricas*, foram levantadas questões referentes ao ofício do historiador e quais os principais métodos utilizados. No segundo eixo, que foi a pesquisa propriamente dita, levantamos questões relativas aos vários tipos de violência que muitos alunos presenciam na sua rotina, seja em casa, no trabalho, na escola, bairro etc.

O questionário tem por finalidade, atributos estatísticos sobre a estruturação dos tipos de violência. No entanto trabalhar esse conceito ainda é um tabu ao envolver adolescentes do ensino médio, por isso dos cento e setenta alunos, apenas cinquenta e três responderam. Contabilizando menos de trinta e cinco porcentos dos alunos. Apesar do uma baixa nas respostas, foi visto que a violência sofrida ou praticada era a partir de ambientes mais simbólicos e institucionais e não físico e psicológico como é de costume ser presenciado. Mostrando então que o estereotipo geográfico não chega nesse patamar.

1. METODOLOGIA:

Para falarmos sobre às análises que usamos para a construção das metas do projeto, devemos reportar ao início dos encontros, quando o professor Dr. Fernando Mattioli, trouxe-nos uma gama de textos para a elaboração dos planos de atividades propostos. Usamos a grande obra da Carla Bazzanezi Pinsky, ‘’Fontes históricas’’, onde conseguimos entender o passo a passo de um planejamento e de análises de fontes. Outras fontes interessantes usadas no decorre dos encontros foram sobre os índices de violência nas escolas e nos arredores. Com tudo isto, buscamos às raízes dos problemas, iniciando no convívio com os pais, até as relações com os amigos nas escolas.

Outros pontos relevantes abordados nas apresentações e nas discussões foram pontos iniciais e tentativas de soluções para os problemas com relação à violência. Fazendo um paralelo com a nossa sociedade nordestina, buscaremos ampliar o tema e iniciar um campo de pesquisa pioneiro na região, analisando sempre as raízes da violência em nossa cultura, algo que está ainda muito forte, principalmente no interior do nordeste.

Uma das principais obras usadas para a pesquisa voltada para o campo da violência foi a obra da Miriam Abromovay que atualmente é Coordenadora da Área de Juventude e Políticas Públicas do FLACSO, *Violência Nas Escolas*.

A Abromovay faz uma reflexão sobre a evolução dos mecanismos de coerção nas escolas e os principais motivos do surgimento de conflitos no ambiente escolar.

A percepção da violência no meio escolar muda de acordo com o olhar pelo qual esse meio é abordado. No passado, as análises recaíam sobre a violência do sistema escolar, especialmente por parte dos professores contra os alunos (Punições e castigos corporais). Na Literatura contemporânea, sociólogos, antropólogos, psicólogos e outros especialistas privilegiam a análise da violência praticada entre alunos ou de alunos contra a propriedade (vandalismo, por exemplo) e, em menor proporção, de alunos contra professores e de professores contra alunos (ABRAMOVAY, 2002, p.21).

Como já foi exposto no artigo, elaboramos uma pesquisa para levantamento de dados sobre o conhecimento prévio dos alunos sobre determinados temas. Divulgamos em todas as salas a pesquisa com várias perguntas relacionadas ao tema sobre violência. Para deixar os discentes mais confortáveis, pedimos que os mesmos não usassem seus respectivos nomes, solicitamos que colocassem pseudônimos. Tal estratégia possibilitou uma tranquilidade maior para que pudessem responder o questionário exigido. As bases de um questionário devem ser baseadas em fontes de informações, dados estatísticos ou sociais e inquéritos. A partir dessas sondagens os métodos de pesquisa devem seguir em anuncio com o público alvo.

Trabalhar o contexto social da violência em sala de aula, fica sujeito a participação de todos os quais estão presentes no ambiente escolar. Nos últimos anos um debate veio à tona sobre esses aspectos; o *Bullying,* enraizado sobre formas de violência extrema nos Estados Unidos, como o massacre de Columbie; esse conceito chega ao Brasil como grande ideia de combate a tal tipo de fúria. Como coloca Araújo Rosa:

Dentro do estudo realizado foi identificado ainda como forma de violência o bullying, nos últimos tempos, estudiosos identificaram a ocorrência de um fenômeno ao qual denominaram bullying (termo inglês que se refere a uma forma específica de violência). O problema não é novo e pode ser encontrado nas escolas, sejam públicas ou privadas Trata-se de comportamento agressivo através de insultos, apelidos cruéis, gozações, ameaças, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam a vida de outros levando na maioria das vezes o agredido a graves consequências psíquicas e à exclusão escolar e social. (ROSA, ARAUJO, Maria, José. 2010. p.145)

Nessas praticas ficam presentes uma falta de diálogo entre professores e alunos, portanto esse ciclo de violência escolar fica objetivo não só nas escolas, mas também em outros ambientes. Com o avanço das redes sociais fica exposto esses atributos. Principalmente pela facilidade de acesso e pela circulação publicitaria que prevalece na internet.

No caso da região nordeste esses estereótipos ganham força principalmente pela xenofobia. O que via redes sociais transmitem mais rápido. Essas questões de discurso de ódio sobre essa região, é uma concepção atribuída ainda do século XX. Sobre uma região semiárida que na visão etnocêntrica coloca a pratica da violência nessa região a partir de atributos geográficos. O sertão nordestino é conhecido como detentor de longos períodos de seca e fome. É um arquétipo impregnado na região que afeta a visão da mesma nos outros estados brasileiros e até mesmo no exterior. A carcaça de boi, as crianças maltrapilhas e desnutridas, o chão rachado, os retirantes, esses são signos característicos de uma análise nordestina construída por ocorrência de diversos períodos de secas que ocorrem desde o período colonial. Entre os anos de 1817 e 1879, o Nordeste passará por uma das maiores ondas de seca da história, esta será responsável pela fome, pelas migrações maciças e por epidemias. (MUNIZ, Durval. 2009. P.68). as secas nordestinas não só afetavam a sociedade brasileira através de caridades e sensibilidade com o acontecimento, mas também influenciou o aparecimento de uma nova tendência literária, a do Ciclo das Secas, da qual faz parte escritores como Graciliano Ramos, Raquel de Queirós, José do Lins Rego e Jorge Amado. Porém, um autor que pode ser dito como precedente dessa literatura é Rodolfo Teófilo, que além de ser farmacêutico, era também um escritor dedicado a expor os quadros de secas e misérias no Nordeste através dos seus romances de caráter naturalistas.

1. DISCUSSÕES E RESULTADOS:

O cotidiano da escola é bastante tranquilo e aconchegante, os alunos têm uma relação amigável com os professores e funcionários, professores e funcionários também possuem uma relação bem próxima, algo interessante de se ver.

Um ponto que observamos foi a relação da nossa preceptora Grazyelle Reis. Sua relação com os alunos é bem tranquila e divertida, isto causa um bom ambiente escolar. No final do ano passado, ocorreu algo que percebemos como realmente era o ambiente da instituição, quando a professora entrou na sala da direção para buscar uma assinatura, e a diretora nos tratou de uma forma simples e agradável, ou seja, sem aquele formalismo exagerado ou arrogância descabida.

 Com relação as dificuldades encontradas no instituto foram muito poucas, mas podemos salientar a interação com os alunos inicialmente, de início, estávamos muito tímidos, obviamente que os alunos também, mas isto logo foi sancionado. Outro ponto importante foi com relação ao trajeto para o IFBA, justamente por conta da sua localização, pois o mesmo, está localizado em um bairro afastado da cidade de Juazeiro, que deixou alguns alunos um pouco impaciente com o trajeto de ida e volta. Enxergamos que o transporte público é ‘’regular’’, mas contendo sempre aquela ponta de irresponsabilidade com os seus clientes.

A proposta de um dos eixos com relação às fontes históricas, obtivemos resultados gratificantes com relação ao papel do professor engajado. Os discentes entenderam um pouco do complexo e solitário papel de um historiador desde a análises de diversas fontes. Explicamos que ser historiador do passado ou do presente, além de outras qualidades, sempre exigirá muita erudição e sensibilidade no tratamento de fontes, pois delas depende a construção convincente de seu discurso (JANOTTI, 2010, p.10).

Elaboramos diversas oficinas referentes ao tema: fontes documentais, fontes arqueológicas, fontes impressas, fontes orais, audiovisuais e biográficas. Trouxemos fontes fotográficas, falamos sobre os grandes monumentos da cidade de Juazeiro-BA, periódicos e a história dos periódicos no Brasil, enfim, buscamos levar ao aluno um pouco da vida de um professor de história que visa a pesquisa. O resultado de toda a produção inicial foi bastante gratificante, enxergamos a evolução e o surgimento de uma sensibilidade nos discentes, olhares estáticos e em muitos até mesmo encantados. O proposito, é claro, não foi formar nenhum historiador especificamente, mesmo sabendo que alguns têm a perspicácia para a área, mas sim mostrar que eles estão imersos a um sistema rígido e precisam ter uma consciência específica do seu próprio lugar no espaço.

Um dos grandes avanços foi relacionado a investigação que trouxemos para os alunos. Eles conseguiram entender um pouco da teoria e prática do ‘’fazer história’’.

Com relação a formação individual do residente, percebemos que muitos avançaram bastante com relação ao modo de ministrar e expor a sua aula. Muitos dos residentes nunca estiveram dentro de uma sala de aula, então o primeiro contato foi justamente com o projeto, onde tivemos a paciência da preceptora que a todo momento esteve ao nosso lado, compreendendo e nos ajudando na produção das aulas. Isto foi de extrema importância para o nosso contato com os alunos, contato claro, ainda inicial.

É importante que esses futuros professores assumam a consciência do que é ser um educador, assumindo o seu lugar no tempo e espaço para oportunizar experiências científicas na vida dos alunos, observamos a importância desta construção no livro do Paulo Freire onde ele detalha tal perspectiva.

Se a possibilidade de reflexão sobre si, sobre seu estar no mundo, associada indissoluvelmente à sua ação sobre o mundo, não existe no ser, seu estar no mundo se reduz a um não poder transpor os limites que lhe são impostos pelo próprio mundo, do que resulta que este ser não é capaz de compromisso. É um ser imerso no mundo, no seu estar adaptado a ele e sem ter dele consciência. Sua imersão na realidade, da qual não pode sair, nem “distanciar-se” para admirá-la e, assim, transformá-la, faz dele um ser “fora” do tempo ou “sob” o tempo ou, ainda, num tempo que não é seu. O tempo para tal ser “seria” um perpétuo presente, um eterno hoje. (FREIRE, 1979, p.7-8)

Todos os eixos propostos no planejamento foram efetuados com muita organização e dedicação dos residentes, vale ressaltar, que todos possuem uma vida muito ocorrida, muitos precisam trabalhar e estudar à noite, mas mesmo com todas as adversidades conseguiram elaborar ótimas oficinas e aulas para os alunos. Dentro de todo esse panorama devemos destacar a ajuda do coordenador Dr. Fernando Mattioli e da preceptora, Grazyelle Reis, que foram altamente compreensivos em inúmeros casos, a humanidade dos dois líderes foi algo que trouxe uma força e organização necessária dentro de um ciclo repleto de aspirantes a professores.

Vale ressaltar que o Programa possui algumas características próprias que possibilita o avanço do aprendizado. A carga horária que possibilita uma alternância entre a instituição de ensino, casa e universidade. O encontro constante entre o coordenador Dr. Mattioli e a preceptora Grazyelle Reis que possibilitam um ambiente bastante democrático, ampliando assim, o horizonte referente a produção em sala de aula.

1. CONCLUSÃO

Logo, o programa desenvolvido pela CAPES oportuniza um novo campo de pesquisa voltado para uma análise mais profunda sobre várias ‘’mazelas’’ sociais, ponto que precisam que precisam ser intensificados no meio social. Com a oportunidade disponibilizada tivemos a chance de avançar no cada vez mais no aprendizado que visa o aperfeiçoamento para o mercado de trabalho. Percebemos que no contexto do Instituto Federal da Bahia é um pouco diferente das demais escolas Municipais e Estaduais da Bahia. O ambiente é totalmente diferente, proporciona uma interação mais dinâmica do aluno com os professores (pelo menos este é o caso da nossa preceptora Grazyelle Reis), tornando assim, um ambiente de aprendizado constante.

Percebemos também, que os alunos ainda não tinham uma consciência mais específica do trabalho de um historiador e relacionado aos diversos tipos de violências, sendo assim, os trabalhos iniciais proporcionaram uma ampliação do imaginário dos discentes com relação as assunto. Outro ponto relevante é a questão de construir uma ponte entre escola e universidade. A universidade criou método e modelo particular (que necessariamente não significa algo ruim), devemos entender que o conhecimento deve libertar o indivíduo de algumas amarras do sistema, om isto, é primordial um método que leve o melhor que existe dentro das academias para às escolas.

Outro grande ponto que nos chamou a atenção de forma negativa foi a intensa necessidade de desconstruir os preconceitos relacionados à África que é um dos pontos fortes de engajamento da nossa preceptora.

 Uma temática que também é cara a sociedade, principalmente do Nordeste, são as características que sustentam essa ideia de regionalismo vêm para desconstruir atributos e estereótipos que prejudicam a convivência entre estudantes em sala de aula. As questões que foram colocadas ao longo do presente trabalho, mostram que a estrutura de uma boa educação não sofre consequências do seu meio. Ao modo que foi colocado os padrões de violência e métodos estatísticos, os alunos souberam atingir pontos de vista sobre índices e ainda uma contextualização entre passado e presente. Ao mesmo tempo o debate sobre *bullying* foi explicado e exemplificado junto aos tipos de violência. Portanto a estrutura da região semiárida nordestina também deve ser um assunto que precise entrar em vigor na sala de aula, fazendo então uma estrutura conceitual para desmistificar questões geográficas que levam a atitudes xenofóbicas e violentas.

Tivemos um ótimo feedback com relação aos assuntos expostos no programa. Aguçamos a curiosidade dos alunos, trouxemos novas fontes e métodos para análise, fizemos ligações lógicas com o passado e o presente nacional e possibilitamos um diálogo maior entre eles sobre as suas respectivas vidas, lembrando que muitos são moradores da periferia do Vale do São Francisco. Ouvi-los no possibilitou uma experiência incrível e agradável, podemos fazer uma viagem no passado quando erámos estudantes do ensino médio e tínhamos o mesmo raciocínio e curiosidade que eles têm.

Portanto, essa foi necessariamente a ordem que, o Programa da Residência Pedagógica vem lutando para aperfeiçoar as relações entre teoria e prática no trabalho docente, sempre visando preencher as lacunas que as demandas sociais deixam a desejar. Sendo assim, criando um intenso laço entre à escola e à universidade. Outra questão é que o professor não nasce do dia para a noite, é de suma importância uma intensa vida intelectual, uma convivência rígida com o ambiente escolar e uma interação maior com os alunos.

1. REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Mirian; RUA, Maria das Graças. Violência nas escolas (versão resumida). Brasília: Unesco Brasil, 2002.

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. A invenção do Nordeste e outras artes, 4° ed. Recife: FJN; Ed. Massagana; São Paulo: Cortez, 2009. 340 p. | Martinello | Revista Território e Fronteira.

FREIRE, Paulo. O compromisso do profissional com a sociedade. In: Educação e mudança. (2º ed.) RJ: Paz e Terra, 1979.

PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005.

ROSA, Maria José Araujo. Violência no ambiente escolar: Refletindo sobre as consequências para o processo ensino aprendizagem. 6.ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

1. Prof. Adjunto do curso de História, *campus* Petrolina. Coordenador do Programa Residência Pedagógica em História nessa unidade. [↑](#footnote-ref-1)
2. Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico dos Instituto Federal de Educação e Ciência, Campus Juazeiro. Preceptora do Programa Residência Pedagógica em História da Universidade de Pernambuco, Campus Petrolina [↑](#footnote-ref-2)
3. Graduando em História, Universidade de Pernambuco, *campus* Petrolina. Bolsista do Programa Residência Pedagógica. [↑](#footnote-ref-3)
4. Graduando em História, Universidade de Pernambuco, *campus* Petrolina. Bolsista do Programa Residência Pedagógica. [↑](#footnote-ref-4)
5. O presente trabalho foi realizado com apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES). [↑](#footnote-ref-5)